

"Ressoam os Atabaques Lembrando a África Distante": Resistência e Identidade nos sambas-enredo da década de 1960

Pablo de Oliveira de Mattos*
Raphael Neves Martins**

Resumo: Este trabalho analisa as relações sócio-raciais vividas no Brasil da década de 1960 a partir da análise de sambas-enredo deste momento. Os autores destes sambas, que tratam de experiências históricas vividas por afro-brasileiros, assumem uma postura particular diante das relações sócio-raciais brasileiras, sobretudo, em relação à democracia racial. Esta tradução da tradição afro-brasileira exerce papel crítico às tentativas de esquecimento de seus códigos culturais. A tradição afro-brasileira, apesar de representada nestes sambas-enredo sob os limites da experiência do cativo e do folclore, compartilha signos e experiências que fogem à produção acadêmica deste momento. A análise desta manifestação cultural permite compreender sua complexidade bem como sua importância diante da identidade e valorização do negro no Brasil.

Abstract: This paper seeks to analyze the socio-racial relations in Brazil during the 1960's using the samba school parade songs written during this period. The authors of these sambas which deal with the historical experience of afro-brazilians assume a particular posture with respect to brazilian socio-racial relations, above all, with respect to racial democracy. This translation of the afro-brazilian tradition plays a critical role in society's attempts to forget its cultural codes. The afro-brazilian tradition, despite being represented in these sambas under the limits of the experience of captivity and folklore, shares symbols and experiences which escape the academic production of the time. The analysis of this cultural manifestation permits that we comprehend its complexity as well as its importance to the identity and value attributed to the afro-brazilians.

Nas décadas de 1940 e 1950 os sambas enredo apresentados no carnaval carioca traziam temas relacionados à história de grandes personagens brasileiros e com forte apelo ufanístico. A partir de 1960, a Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, após homenagear em 1959 o pintor francês Debret e mostrar nas alegorias o cotidiano dos negros no Brasil colonial, imprimiu uma mudança nos enredos das escolas de samba. A partir desta data, seriam desenvolvidos temas ligados à tradição afro-brasileira bem como acontecimentos históricos envolvendo alguns personagens negros. Os enredos que tratavam da história do Brasil levavam em consideração a participação do negro vindo da África ou do negro que vivia no Brasil. Ainda que esta participação estivesse submetida à experiência do cativo e marcada por aspectos estereotipados, o afro-brasileiro encontrava-se no centro destes enredos.

* Mestrando PUC – Rio, bolsista CAPES

** Mestrando PUC – Rio, bolsista CNPq

Esta mudança ocorrida nos enredos das escolas de samba acompanha a mudança de paradigma enfrentada no seio do movimento negro brasileiro. Trata-se por movimento negro, o Teatro Experimental do Negro e a Frente Negra Brasileira. A Frente Negra Brasileira surgiu na década de 1930, como movimento organizado na luta em prol dos interesses dos negros.

A Frente Negra Brasileira e o Teatro Experimental do Negro são, portanto, instituições representativas do “movimento negro” brasileiro à época. Possuem organização burocrática, arregimentam adeptos e criam estratégias específicas na tentativa de alcançar objetivos previamente definidos, no intuito de defender os interesses dos negros no Brasil.

Ao final da década de 1950 o paradigma freyreano do mestiço e da democracia racial será questionado. A partir então há o surgimento de uma nova sensibilidade na sociedade brasileira no que tange às relações raciais, uma apreensão mais racializada, implicando um novo paradigma que instaura a percepção de uma sociedade multirracial. Isto abre campo para a criação de identidades até então diluídas no Brasil, antes tido como essencialmente mestiço.

Contudo, no período entre 1930 e 1950, com o Teatro Experimental do Negro e a Frente Negra Brasileira, a ideologia nacionalista possuía grande apelo e apresentava-se como hegemônica. Havia, portanto um grande desafio a ser vencido pelas lideranças e intelectuais engajados neste processo de afirmação racial: acomodar a luta contra o preconceito e a criação de condições sócio-econômicas satisfatórias para os negros com o pacto nacionalista fundamentado no ideal da democracia racial.

Aspecto importante para este artigo é a valorização do negro na história do Brasil através dos sambas enredo da década de 1960. A maneira pela qual estes autores operam com a memória histórica é significativa da implementação de uma identidade negra, que valoriza a negritude e suas origens africanas. Concomitante a este processo, a música popular brasileira recebe forte influência das religiões afro-brasileiras. Os elementos das religiões afro-brasileiras aparecem em quase todos os segmentos musicais da época: Bossa Nova, Jovem Guarda, Tropicalismo. O conteúdo destas religiões, oriundas da tradição afro-brasileira, serve à consolidação de uma identidade negra mais específica e racializada, segundo a mudança percebida no seio do movimento negro brasileiro de fins da década de 1950 (OLIVEIRA, 2008).

Desde um aspecto mais pedagógico em relação à religião, ou a uma perspectiva mais combativa frente à realidade social e as possibilidades de mudança (AMARAL e SILVA, 2006: 205), as músicas que traziam estes conteúdos dialogavam com uma determinada tradição histórica e cultural dos afro-brasileiros. A tradução desta tradição, ou seja, a formação de uma identidade que negocia com um passado sem a ilusão de um retorno a ele

valoriza personagens negros oriundos da África no período escravista. Ainda que marcado pela experiência do cativo, estes personagens são representados como bravos defensores da causa de seus iguais.

A década de 1950 é marcada por processos de independência de países africanos, e mais tarde, na década de 1960, os Estados Unidos da América passam pelo processo de reivindicação dos direitos civis pelos afro-americanos. Na obra *A identidade cultural na pós-modernidade* de Stuart Hall, os conceitos-chave Tradição e Tradução ganham relevância no que tange os estudos sobre a cultura no mundo pós-moderno. A possibilidade de identificar-se com experiências externas ao próprio espaço/tempo é vivida por pessoas que foram dispersas de sua terra de origem. Neste contexto de descolonização da África e reivindicação de direitos civis, pode-se deduzir que os negros brasileiros estavam identificando-se com estas experiências alheias ao território brasileiro, reforçando-se assim uma identidade pautada na negritude.

O samba enredo de 1964 da Acadêmicos do Salgueiro, intitulado *Chico Rei*, narra a história de um Rei africano trazido ao Brasil no período escravista. O sofrimento deste Rei é narrado através da despedida de sua terra natal.

*Na viagem agonizante,
Houve gritos alucinantes,
Lamentos de dor
Ô-ô-ô-ô, adeus, Baobá,
Ô-ô-ô-ô, adeus, meu Bengo, eu já vou.*

Chegando às terras brasileiras o Rei promete a seus pares libertá-los. Após ser enviado a Vila Rica para trabalhar na mineração e esconder pó de ouro em seus cabelos, Chico Rei junta o montante necessário para comprar as alforrias e liberta um a um. Interessante perceber que o personagem é tratado como herói, prática pouco usual na sociedade brasileira de então.

*E assim foi que o rei,
Sob o sol da liberdade, trabalhou*

*E um pouco de terra ele comprou,
Descobrimo ouro enriqueceu.*

Os autores dos sambas enredo além de representarem os heróis negros, desconhecidos do grande público, o faziam em meio a uma narrativa repleta de informações silenciadas ou desconhecidas pela historiografia brasileira. Este momento é marcado pela entrada de profissionais oriundos das Escolas de belas Artes, do Teatro, cenógrafos de formação erudita e acadêmica. Porém, a composição dos sambas enredo, era mérito de compositores oriundos das comunidades próximas às escolas de samba. Entretanto, a maneira que estes compositores operam com a memória histórica e desta forma constroem uma cultura histórica da população afro-brasileira, se relaciona com a bibliografia disponível a época. Era comum que compositores das escolas de samba utilizassem livros didáticos para escreverem seus sambas enredo. Portanto, é recorrente encontrar estereótipos ou informações genéricas em relação à escravidão ou à vida dos negros no Brasil. Fato interessante para elucidar esta constatação, é a recorrência da referência ao período escravista e ao afro-brasileiro na condição de escravo. Esta bibliografia trata majoritariamente de negros no período escravista, por isso a maior realização de enredos referentes ao período anterior à Proclamação da República e Abolição.

Em outro samba da Acadêmicos do Salgueiro do ano de 1960, intitulado Quilombo dos Palmares, Zumbi é exaltado como herói responsável pelo comando do Quilombo dos Palmares e por enfrentar os Portugueses.

*Os escravos fugiram da opressão
E do jugo dos portugueses
Esses revoltosos
Ansiosos pela liberdade
Nos arraiais dos Palmares
Buscavam a tranqüilidade
Ô-ô-ô-ô-ô (bis) Ô-ô, ô-ô, ô-ô
Surgiu nessa história um protetor
Zumbi, o divino imperador
Resistiu com seus guerreiros em sua Tróia*

Mais uma vez, um personagem negro é tratado de maneira heróica e valoriza-se desta forma o negro dentro da história do Brasil. Esta postura corrobora com a consolidação de uma identidade étnica em detrimento da brasilidade presente na década de 1930 e ainda presente na década de 1950. Este processo irá se acentuar na década de 1970. Em samba da Portela de 1972, *Ilu – Ayê Terra da Vida*, a memória histórica é disposta de maneira a representar o

sofrimento do negro ao deixar sua terra natal, mas sem deixar de exaltar as negociações entre suas manifestações culturais e a louvação à Rainha. No presente o negro, e não o mestiço ou o brasileiro, é apresentado como sensacional e “dono” da festa do povo.

*Ilu Ayê, Ilu Ayê Odara
Negro dançava na Nação Nagô*

*Depois chorou lamento de senzala
Tão longe estava de sua Ilu Ayê
Tempo passou ôô
E no terreirão da Casa Grande
Negro diz tudo que pode dizer*

*É samba, é batuque, é reza
É dança, é ladainha
Negro joga capoeira
E faz louvação à rainha*

*Hoje, negro é terra
Negro é vida
Na mutação do tempo
Desfilando na avenida
Negro é sensacional
É toda festa do povo
É dono do carnaval*

A valorização do negro neste momento alcança um patamar alto em relação aos sambas da década anterior. O negro é a festa do povo, é sensacional e é dono do carnaval. Este período é rico em sambas enredo sobre o tema afro-brasileiro ou que envolvam representações do negro na história do Brasil, fazendo-o um personagem ativo e resistente no processo histórico brasileiro.

É perceptível diante da análise de alguns sambas enredo, que a maneira pela qual o negro é representado corrobora com a mudança de paradigma vivida no seio do Teatro Experimental do Negro e da Frente Negra Brasileira. Mudança esta que verteu uma forma de identidade vinculada à mestiçagem e a brasilidade presente até o final de década de 1950, para uma identidade mais racializada e etnicizada. Isto não significa que outras formas de identidade coexistissem neste período. Em samba da Imperatriz Leopoldinense de 1972 de Zé

Catimba sobre Martin Cererê, há claramente um diálogo com um forma de identidade pautada na democracia racial.

*Tudo era dia
O índio deu a terra grande
O negro trouxe a noite na cor
O branco a galhardia
E todos traziam amor
Tinham encontro marcado
Pra fazer uma nação
E o Brasil cresceu tanto
Que virou interjeição*

Esta mudança acompanha as reflexões de Stuart Hall sobre as identidades na pós-modernidade marcada pelo hibridismo e pela mobilidade destas, ao serem traduzidas suas tradições. Esta tradução do passado afro-brasileiro opera com a categoria da luta e da resistência bem como refere-se ao passado em terras africanas, marcando a origem destes heróis. Nos episódios e personagens narrados nestes enredos e sambas a resistência ao julgo dos colonizadores atravessa as composições. Isto implica em algo novo, uma identidade nova. Agora o negro está em cena, e no centro do palco. As composições mostram clareza na percepção da diferença entre o que ocorreu nas origens, a tradição africana, a herança cultural; e também na percepção da alteração deste padrão cultural pela nova realidade de vida ou pela experiência colonial.

Este trabalho inicial tenta demonstrar a partir de uma breve análise de alguns sambas enredo a mudança de paradigma identitário ocorrido no Brasil da década de 1960. Acreditando que o debate acadêmico sobre novas formas de abordagem dos problemas sócio raciais brasileiros possam ser percebidos através dos sambas enredo das Escolas de Samba, que por sua vez agrupam um contingente de negros considerável, busca-se seguir na análise de outras composições e estender o corte cronológico mais adiante. Bem como aprofundar o debate teórico metodológico para um melhor aproveitamento das fontes.

Bibliografia:

AMARAL, Rita e SILVA, Vagner Gonçalves da. **Foi conta pra todo canto: as religiões afro-brasileiras nas letras do repertório musical popular brasileiro.** Revista Afro-Asia, 34, (2006) 189-235.

AUGRAS, Monique. **O Brasil do samba-enredo.** Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getulio Vargas, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo horizonte: UFMG; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

OLIVEIRA, Laiana Lannes de. **Entre a Miscigenação e a Multirracialização: Brasileiros Negros ou Negros Brasileiros? Os Desafios do Movimento Negro Brasileiro no Período de Valorização Nacionalista (1930-1950) – A Frente Negra Brasileira e o Teatro Experimental do Negro.** Niterói, Tese de Doutorado, UFF, 2008.